

Marx e a Esfera Científica

Nildo Viana*

A esfera científica é uma das esferas sociais existentes, que manifestam determinada divisão do trabalho intelectual na sociedade capitalista, e é constituída pelos cientistas, uma fração da classe intelectual. A teoria da esfera científica resgata elementos das obras de Weber (1971) e Bourdieu (1994), e, ao mesmo tempo, realiza sua crítica e superação, tendo no pensamento de Marx a sua base teórico-metodológica. Contudo, além da contribuição teórico-metodológica de Marx, expressa no método dialético, materialismo histórico, teoria do capitalismo, teoria da ideologia, etc., existem textos em que este autor trata diretamente de questões relativas à esfera científica, sem mencionar este conceito e trabalhar uma teoria completa sobre o assunto. Nesse sentido, resgatar as referências de Marx a respeito do que denominamos esfera científica se torna fundamental e ajuda a esclarecer suas contribuições diretas para a reconstituição mental desse fenômeno e seu pioneirismo intelectual ao já abordar elementos fundamentais para sua compreensão. Essas referências diretas estão em diversas obras, em algumas mais desenvolvidas, e abrem amplas perspectivas críticas e analíticas que já apontam para uma presciência da esfera científica.

O conceito de esfera científica remete a uma teoria das esferas sociais¹ que expressam elementos da sociedade capitalista derivados da ampliação da divisão social do trabalho. As esferas sociais são partes do que Marx denominou “superestrutura”, ou formas sociais, que derivam do modo de produção capitalista e se caracterizam por expressar um processo de especialização (geração de atividades especializadas, constituindo os especialistas na produção cultural e subdivisões internas). Essa especialização gera a classe intelectual, enquanto responsáveis pela produção cultural na sociedade moderna, e suas subdivisões, novas formas de especialização, gerando as esferas sociais², tais como a

* Professor da Faculdade de Ciências Sociais e do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da UFG - Universidade Federal de Goiás; Doutor em Sociologia (UnB).

¹ Sobre esses conceitos e teorias, é possível consultar, em breve, as obras no prelo *As Esferas Sociais e A Esfera Científica*, na qual são desenvolvidos de forma detalhada e aprofundada.

² Nesse sentido, aqui fica claro uma das distinções entre nossa abordagem e as de Weber e Bourdieu, que pensam as “esferas” ou “campos” como divisões especializadas dentro da sociedade que não são apenas delimitadas às formas sociais (superestrutura), e por isso podem falar em “esfera econômica” e “campo econômico”, respectivamente, o que é um equívoco, pois de acordo com as “leis gerais” que eles atribuem às esferas ou campos, certas relações sociais, tais como as existentes no modo de produção capitalista, não se encaixam e são radicalmente distintas. O mesmo vale, inclusive, para outros elementos da divisão social do trabalho, como o chamado “campo esportivo”, na expressão de Bourdieu, que realmente se localiza nas formas sociais e não no modo de produção capitalista, mas não expressa produção intelectual, não sendo uma

artística, jurídica, científica, etc. (e com o desenvolvimento do capitalismo acaba ampliando sua subdivisão interna, pois a esfera artística tem a subesfera musical, teatral, literária, quadrinística, cinematográfica, etc., para citar apenas um exemplo).

Essas esferas sociais geram um conjunto de elementos definidores, que não poderemos desenvolver aqui, que são seus processos específicos de organização, produção, formação, bem como dinâmica interna de relações entre os indivíduos concretos e reais que as fazem existir, bem como segmentos que realizam uma disputa interna intimamente relacionada com a posição diante da sociedade, manifestando interesses de classes e valores, representações, etc. Esses elementos não poderão ser desenvolvidos aqui, mas são importantes para entender que as esferas sociais são formas sociais derivadas do modo de produção capitalista e marcadas pela especialização, gerando especificidades, agentes especializados e processos sociais internos e de relação específica com o conjunto da sociedade.

Essas esferas sociais são formas de concretização da divisão do trabalho intelectual e possuem subdivisões, entre elas, a esfera científica. A esfera científica é formada pelos cientistas e é o que foi chamado por alguns de “comunidade científica”, “esfera intelectual”, “campo científico”. Ela é constituída pelos cientistas, indivíduos reais e concretos, cuja atividade atribuída a eles na divisão do trabalho intelectual é a produção cultural específica de ciência (independente de sua qualidade) e elementos necessários para sua produção e reprodução. Ela constitui uma forma específica de organização, formação, produção e dinâmica interna, apesar de compartilhar vários elementos em comum com as demais esferas. Já se produziu muito material (teórico e/ou informativo) sobre isso, usando outros termos ou focalizando algum aspecto específico. O nosso objetivo aqui é ver como Marx tratou diretamente a questão da esfera científica, mesmo sem usar tal expressão, pois ela vai além de muitas outras abordagens da mesma, tal como buscaremos fundamentar a seguir.

Marx não desenvolveu textos mais amplos sobre a esfera científica e nem usou este termo ou outros semelhantes, mas, apesar disso, tem, devido sua base teórico-metodológica,

esfera social, já que sua organização e dinâmica diferem radicalmente. O problema, principalmente no caso de Bourdieu, por ser algo mais desenvolvido, é ao invés de desenvolver conceitos para expressar a realidade (em sua complexidade e daí a proliferação de conceitos numa sociedade extremamente complexa que eleva a divisão social do trabalho a níveis nunca atingidos por outras formas de sociedade), acaba encaixando ela em modelos construídos sem se atentar para as diferenças existentes concretamente.

uma contribuição muito mais profunda do que outros pensadores nesse caso³. Além dos textos em que ele efetua uma crítica das ideologias e dos ideólogos, tal como se observa em *A Ideologia Alemã*, *A Sagrada Família*, *A Miséria da Filosofia*, entre outras, ele faz diversas referências ao processo de produção científica. O nosso objetivo é destacar os textos fundamentais dele sobre o que denominamos esfera científica e isso é mais perceptível em seu prefácio de *O Capital*. Apesar disso, ele, na mesma obra, faz diversas afirmações a respeito da economia política, bem como sobre ciência em geral, que são as principais referências para nossa análise.

O primeiro elemento é entender o que Marx concebia como ciência. Marx iniciou sua produção intelectual na área de direito, por vontade dos pais, mas logo se transferiu para a filosofia⁴. Os seus primeiros escritos ocorrem no contexto de um estudante de filosofia, especialmente sua tese de doutorado, *A Filosofia da Natureza em Demócrito e Epicuro*. Estes e outros textos filosóficos antecedem o seu desenvolvimento e ruptura com sua “consciência filosófica”. É com a sua aproximação com as questões políticas e sociais, tal como a questão do roubo de lenha por camponeses, é que ele começa a estudar a economia política, o que ele acrescenta aos seus estudos filosóficos e políticos (socialismo da época). Ao escrever o texto *Introdução à Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, ele inaugura o materialismo histórico em sua forma inicial e sintética. Ele ainda não se desvencilha da filosofia, mas nos textos posteriores, tal como em *A Ideologia Alemã* (MARX e ENGELS, 1991), entre outras, ele vai se afastando cada vez mais do pensamento filosófico (VIANA, 2000; MARCUSE, 1978; KORSCH, 1977).

³ Esse é o mesmo caso do que ocorre no que se refere à esfera artística, na qual apesar de não dedicar nenhum estudo específico sobre a mesma, acaba contribuindo mais do que outros que escrevem densas e volumosas obras a este respeito (cf. VIANA, 2011), em seus escritos esporádicos sobre arte (MARX e ENGELS, 1986).

⁴ A filosofia, para nós, é uma forma de saber distinto da ciência (VIANA, 2000). No entanto, com o desenvolvimento da sociedade capitalista, ela cada vez mais é subordinada à ciência. Assim como na sociedade feudal ela foi subordinada à teologia, no capitalismo é subordinada à ciência. Além dessa subordinação à ciência que ocorre no plano intelectual, isso também ocorre no plano institucional, e por isso não a consideramos uma esfera social e sim uma subesfera da esfera científica. No entanto, é preciso estar atento para o fato de que esse processo de subordinação da filosofia à ciência ocorreu após um período de autonomização da mesma. A burguesia nascente, para combater a nobreza e a teologia, lançou mão das ciências nascentes (as naturais, no início, e depois as humanas) e da filosofia, gerando uma certa autonomia para esta que pode ser identificada do período do renascimento até o iluminismo. Após as revoluções burguesas, a filosofia é abandonada e subordinada, pois além do campo das ciências naturais já bastante desenvolvido nessa época, neste momento nascem as ciências humanas. No momento em que Marx estuda filosofia na universidade, era a época na qual as ciências humanas estavam emergindo e a filosofia perdendo cada vez mais espaço, só que no caso alemão, onde Marx se encontrava, por ser um país capitalista retardatário, ela ainda tinha uma força considerável.

Contudo, isso não significa, como alguns deduzem, que ele se tornou um “cientista”⁵. No fundo, ele preservou vários aspectos da filosofia, em sua versão hegeliana e feuerbachiana, mas ao mesmo tempo realizando a sua crítica⁶. Essa ruptura com a filosofia não significou a adesão à ciência. Nesse sentido, é fundamental perceber que ao mesmo tempo que ele se desvencilha da filosofia, ele não faz, como muitos outros, uma adesão à ciência e sim a crítica desta. É por isso que suas obras estão sempre acompanhadas da palavra “crítica” (e cujo início é justamente o texto *Introdução à Crítica da Filosofia Política de Hegel*). *O Capital* tinha como subtítulo *Crítica da Economia Política*. Não se trata, como era comum na época, de “manual de economia política”, “introdução à economia política”, etc. Marx não era um economista e nem um “cientista” no sentido moderno, e burguês, como já dizia Korsch (1977), do termo. A sua concepção de crítica, no entanto, não era apenas negativa, pois ela era acompanhada pela teoria.

É possível analisar uma certa ambiguidade de Marx no que se refere ao uso do termo “ciência”. Algumas vezes ele usa esse termo, outras vezes o recusa. Ele usou o termo ao utilizar a expressão “socialismo científico” (retirado de Proudhon) e em algumas outras passagens. No entanto, a sua concepção de ciência, ou seja, quando ele nomeia sua própria produção com este termo, ele não pensa no sentido comum da palavra. Korsch (1983) apresenta uma explicação desse processo ao esclarecer que Marx usava este termo em sua forma positiva a partir da concepção hegeliana. Para Hegel, a ciência é um saber totalizante que expressa a realidade e que em Marx teria a precondição de expressar o proletariado.

Nesse sentido, a expressão ciência nada tem a ver com o que se cristalizou como sua definição, que remete a neutralidade, objetividade, empirismo, especialização, etc. Ele não buscou fundar uma ciência particular, como muitos faziam na época, que era o período de surgimento das ciências humanas e sim uma teoria mais ampla que ele considerava que deveria englobar a natureza e a sociedade, embora seu foco tenha sido nesta. A sua produção intelectual não se limitou ao âmbito restrito de uma ciência particular e por isso não só desenvolveu o método dialético, como estruturou uma teoria da história e uma teoria do capitalismo, além de diversos aspectos derivados em ambos os casos.

⁵ Esse é o caso de Althusser e suas interpretações ideológicas do pensamento de Marx.

⁶ A crítica da filosofia em Marx não se resume apenas ao fato dos filósofos se limitarem a interpretar a realidade ao invés de buscar transformá-la, pois há outro elemento que ele recusa na filosofia que é os sistemas especulativos que elas produzem. Isso é tão correto que ele irá constituir seu conceito de ideologia ao criticar os filósofos neohegelianos e somente depois no caso dos cientistas.

Mas é no *Prefácio à Primeira Edição de O Capital* que ele desenvolverá sua análise mais interessante da dinâmica interna da esfera científica através de sua manifestação concreta na subesfera econômica. Nesse prefácio ele aponta a relação entre luta de classes e produção científica, desenvolvimento capitalista e economia política e, por último, diferentes manifestações ideológicas que expressam ideologias e ideólogos diferentes. O fio condutor da análise é a relação entre o economista e desenvolvimento capitalista, luta de classes e produção científica. No *Prefácio à Primeira Edição*, Marx coloca a questão do interesse privado:

No campo da Economia Política, a livre pesquisa científica depara-se não só com o mesmo inimigo que em todos os outros campos. A natureza peculiar do material que ela aborda chama ao campo de batalha as paixões mais violentas, mesquinhas e odiosas do coração humano, as fúrias do interesse privado (MARX, 1988, p. 19).

Nesse trecho, Marx realiza uma delimitação: “campo da economia política”, ou seja, nesse setor específico e especializado de produção intelectual, o que nós chamamos subesfera econômica. Essa percepção é acompanhada por uma oposição entre “livre pesquisa científica”⁷ e seu inimigo, “as fúrias do interesse privado”. Essa luta cultural que opõe “livre pesquisa científica” e “as fúrias do interesse privado” ocorre em “todos os outros campos”, ou seja, em todos os setores da produção intelectual, todas as esferas sociais. Essa oposição se manifesta em todos os lugares, mas a “natureza peculiar” do tema, o modo de produção capitalista, chama, para o “campo de batalha”, as “paixões mais violentas, mesquinhas e odiosas”. O interesse privado é, especialmente, o interesse mercantil: “a Igreja Anglicana da Inglaterra, por exemplo, perdoaria antes o ataque a 38 de seus 39 artigos de fé do que a 1/39 de suas rendas monetárias” (MARX, 1988, p. 19).

Marx aponta que esse processo está relacionado com a luta de classes e, mais especificamente, com a vitória das revoluções burguesas. A economia política clássica se produz antes desse processo de deterioração da produção intelectual da classe burguesa que se torna conservadora com o processo revolucionário e sua ascensão à posição de classe dominante. David Ricardo é o último grande representante da economia política num momento em que a luta entre burguesia e proletariado não estava suficientemente desenvolvida.

⁷ Aqui o termo científico está num sentido positivo, ou seja, na perspectiva de Marx.

O seu último grande representante, Ricardo, toma afinal conscientemente, como ponto de partida de suas pesquisas, a contradição dos interesses de classe, do salário e do lucro, do lucro e da renda da terra, considerando, ingenuamente, essa contradição como uma lei natural da sociedade. Com isso, a ciência burguesa da economia havia, porém, chegado aos seus limites intransponíveis.

David Ricardo seria, ao lado de Adam Smith, um clássico da economia política, apesar de não ultrapassar os limites intransponíveis para quem parte de uma perspectiva burguesa. O momento histórico posterior, 1820-1830, no entanto, faz emergir um processo de expansão e vulgarização da obra de Ricardo, bem como a luta contra a velha escola. Algumas polêmicas de interesse e outros detalhes seriam explicados pelas circunstâncias da época.

Por um lado, a grande indústria mesma apenas começava a sair da sua infância, o que se comprova pelo fato de que só com a crise de 1825 ela inaugura o ciclo periódico de sua vida moderna. Por outro lado, a luta de classes entre capital e trabalho ficou restrita a segundo plano, politicamente por meio da contenda entre os governos e interesses feudais agrupados em torno da Santa Aliança e a massa popular conduzida pela burguesia; economicamente por meio da disputa do capital industrial com a propriedade aristocrática da terra, que se escondia, na França, atrás da oposição entre minifúndio e latifúndio e que, na Inglaterra, irrompeu abertamente desde as leis do trigo. Nesse período, a literatura sobre Economia Política lembra, na Inglaterra, o período de tempestuoso avanço econômico ocorrido na França depois da morte do Dr. Quesnay, mas apenas como crise que se tornou, de uma vez por todas, decisiva (MARX, 1988, p. 23).

Esse é um segundo período da economia política inglesa, que, no entanto, é semelhante ao que se desenvolveu no pensamento econômico na França. A economia clássica de Adam Smith e David Ricardo se desenvolveu numa época em que a luta de classes entre burguesia e proletariado era secundária diante da luta entre a primeira e a classe latifundiária. Após 1820 isso começa a se alterar e as revoluções burguesas completam um ciclo, abrindo nova fase do desenvolvimento da economia política:

A burguesia tinha conquistado o poder político na França e Inglaterra. A partir de então, a luta de classes assumiu, na teoria e na prática, formas cada vez mais explícitas e ameaçadoras. Ela fez soar o sino fúnebre da economia científica burguesa. Já não se tratava de saber se este ou aquele teorema era ou não verdadeiro, mas se, para o capital, ele era útil ou prejudicial, cômodo ou incômodo, subversivo ou não. No lugar da pesquisa desinteressada entrou a espadacharia mercenária, no lugar da pesquisa científica imparcial entrou a má consciência e a má intenção da apologética. No entanto, mesmos os importunos tratadinhos que a Anti-

Com-Law-League chefiada pelos industrialistas Cobden e Bright, lançava aos quatro ventos, possuíam, se não um interesse científico, ao menos histórico por sua polêmica contra a aristocracia fundiária. Desde Sir Robert Peel, também este último esporão crítico foi extraído da economia vulgar pela legislação livre-cambista (MARX, 1988, p. 23).

Marx coloca que a burguesia, ao se tornar classe dominante, faz a economia política recuar, substituindo a “pesquisa desinteressada” e “imparcial” pela “espadacharia mercenária”. A luta de classes entre burguesia e nobreza culmina com a vitória da primeira e isso significa que a pesquisa agora é feita de acordo com seus interesses de classe. Desta forma, surge a economia política vulgar. Obviamente que quando Marx diz que a pesquisa desinteressada e imparcial foi substituída pela apologia, isso está no contexto da emergência do interesse privado e do poder do dinheiro, transformando os economistas vulgares em mercenários. Assim, como colocamos em outro lugar (VIANA, 2014a) não se trata de uma suposta imparcialidade ou desinteresse de classe e sim pessoal, o que antes ele havia chamado “interesse privado”. Os economistas se tornam cada vez mais atrelados aos capitalistas e dependentes do seu dinheiro. Isso é parte do processo de mercantilização que toma conta da sociabilidade capitalista de forma cada vez mais ampla e intensa, atingindo as esferas sociais, apesar de Marx não explicitar ou enfatizar isso.

Essa nova fase da economia política expressa a nova situação da luta de classes. A economia política vulgar toma o lugar da clássica. Thomas Malthus era um dos seus principais representantes. Mas uma outra tendência também emergiu:

A revolução continental de 1848 também repercutiu na Inglaterra. Homens que ainda pretendiam ter algum significado científico e que queriam ser algo mais do que meros sofistas e sicofantas das classes dominantes procuravam sintonizar a Economia Política do capital com as reivindicações não mais ignoráveis do proletariado. Daí surge um sincretismo desprovido de espírito, cujo melhor representante é Stuart Mill (MARX, 1988, p. 23).

A partir de 1848 emerge a economia política eclética. Isso se reproduz também na Alemanha. Contudo, nesse país as coisas ocorrem diferentemente. O desenvolvimento incipiente do modo de produção capitalista nesse país tornava difícil o desenvolvimento da economia política, além do que, devido ao fato de que na França e Inglaterra já havia assumido o caráter de um confronto de classe, então acabou sendo impossibilitado. Assim, dois grupos se formaram na Alemanha, importando suas ideias da Inglaterra:

Nessas circunstâncias seus porta-vozes dividiram-se em dois grupos. Uns, astutos, ambiciosos e pragmáticos, juntaram-se sob a bandeira de Bastiat, o mais superficial e, por isso mesmo, o mais bem-sucedido representante da economia apologética vulgar; outros, ciosos da catedrática dignidade de sua ciência, seguiram J. St. Mill na tentativa de reconciliar o irreconciliável. Assim como na época clássica da economia burguesa, também na época da sua decadência os alemães permaneceram meros discípulos, repetidores e imitadores, mascates modernos do grande atacado estrangeiro (MARX, 1988, p. 24).

Aqui Marx explica o atraso e subordinação da economia política na Alemanha devido ao seu capitalismo retardatário em relação ao capitalismo inglês e francês. E opõe duas tendências: a apologética e eclética. A apologética é vinculada diretamente ao capital, é composta por “mercenários” e “ambiciosos”, enquanto que a eclética já visa algum reconhecimento científico. Além disso, a primeira representa o capital e a segunda também, através de um ecletismo que apenas discursivamente representa uma conciliação do inconciliável.

Essa análise da subesfera econômica nos ajuda a entender alguns aspectos da esfera científica. Marx distingue entre os clássicos, os ecléticos e os vulgares. Sem dúvida, essas posturas são perceptíveis na classe intelectual em geral e se manifestam, obviamente, nas esferas sociais e subesferas. É o caso daqueles que podem ser considerados hegemônicos, dissidentes e venais, respectivamente⁸. Os hegemônicos são aqueles que são o que Bourdieu (1994) denominou “dominantes” no campo científico e os dissidentes os que ele denominou “dominados”. No entanto, Bourdieu deixa de lado outros segmentos das esferas sociais, como os venais, enquanto que Marx, cerca de um século antes, já havia identificado. No entanto, Marx supera Bourdieu ao perceber mais uma possibilidade, tal como se pode perceber nesse trecho:

O desenvolvimento histórico peculiar da sociedade alemã excluía a possibilidade de qualquer desenvolvimento original da economia burguesa, mas não a sua crítica. À medida que tal crítica representa, além disso, uma classe, ela só pode representar a classe cuja missão é a derrubada do modo de produção capitalista e a abolição final das classes – o proletariado (MARX, 1988, p. 24).

Essa outra tendência é que denominamos intelectuais engajados. Esses seriam aqueles que representam a crítica revolucionária que é realizada a partir da perspectiva do

⁸ Para uma análise dos venais, veja Viana (2014b). Além destas posturas intelectuais, identificamos mais três: ambíguos, engajados e amadores (VIANA, 2014b).

proletariado. Em Bourdieu, só existem os dominantes e dominados que estão em luta concorrencial pela autoridade científica. Em Marx, existem aqueles que estão preocupados com isso (clássicos e ecléticos) e os vendidos (vulgares), mas também a crítica que mostra outra possibilidade, tal como ele mesmo faz. Marx é representante dessa tendência crítico-revolucionária e complexifica ainda mais as disputas nas esferas sociais e subesferas, bem como as diversas posturas na classe intelectual. No período em que Marx escreveu, ainda não existiam um grande contingente de intelectuais ambíguos, muito menos na economia política e aqueles que poderiam ser considerados “amadores” ainda não eram identificados como distintos dos demais, mesmo porque a própria economia política ainda estava em formação como subesfera.

Desta forma, Marx contribui com a compreensão da esfera científica e mais especificamente a subesfera econômica, ao delimitar a existência de quatro tendências no seu interior, duas mais integradas, uma mais subordinada ao capital e outra, mais externa, expressando o proletariado. Além disso, ele relaciona a formação e desenvolvimento da subesfera econômica com o desenvolvimento capitalista, a luta de classes e as formas ideológicas de cada postura intelectual. Nesse sentido, a sociologia da ciência de Bourdieu está muito aquém da teoria de Marx.

Marx também contribui com a percepção de algumas formas de luta cultural e competição dentro da subesfera econômica, mas que também se manifesta e reproduz na esfera científica. Ele coloca seu depoimento através da forma como usaram um mecanismo competitivo muito comum contra ele mesmo: o silenciamento e a crítica.

Os porta-vozes eruditos e não eruditos da burguesia alemã procuraram primeiro aniquilar *O Capital* por meio do silêncio, como tinham conseguido fazer com meus escritos anteriores. À medida que essa tática já não correspondia às circunstâncias da época, passaram a redigir, pretextando criticar meu livro, instruções “para tranquilizar a consciência burguesa”, mas encontraram na imprensa operária – vejam-se, por exemplo, os artigos de Joseph Dietzgen no *Voksstaat* – lutadores de maior porte, aos quais estão devendo resposta até hoje (MARX, 1988, p. 24).

Aqui Marx revela alguns dos principais mecanismos de competição na esfera científica: o silenciamento e a crítica. Geralmente se lança a mão do primeiro. Uma vez que isso em muitos casos não funciona, então se usa o segundo, a crítica⁹. Contudo, hoje isso é

⁹ Nesse caso, Marx antecedeu as observações de Wright Mills e Russel Jacoby (WRIGHT MILLS, 1982; JACOBY, 1990).

um pouco diferenciado, pois junto ou após o silenciamento, vem a pseudocrítica, para, somente posteriormente, haver a crítica. O silenciamento é fazer de conta que a obra, teoria, análise, não existe ou não merece comentário. O que fizeram com Marx repetiram exaustivamente na competição na esfera científica e em suas subesferas. O segundo procedimento, a pseudocrítica, é apenas desqualificação desqualificada, adjetivos pejorativos, e nada de mais profundo ou mesmo que demandasse leitura ou reflexão. Esse procedimento vai se desenvolver em período histórico posterior. Na época de Marx, o que ocorreu foi, após o silêncio, a crítica. Contudo, a crítica foi rebatida e assim perdeu sua força. No caso de Marx não se tratava de competição na subesfera econômica e sim luta de classes, pois os economistas, “representantes ideológicos da burguesia” (MARX, 1989) tinham que combater a perspectiva do proletariado expressa em *O Capital* e também rebater a crítica que este fez aos mesmos ou seus semelhantes.

O Capital realiza uma crítica ao modo de produção capitalista e às ideologias produzidas pela economia política e por isso os economistas tinham que combater tal obra e seu autor. Isso, no entanto, provoca o texto de posfácio escrito por Marx, que, em sua anticrítica, acaba criticando não apenas os produtos (ideologias) da subesfera econômica, mas ela mesma com suas divisões (clássicos, ecléticos e vulgares), suas ligações diretas com o capital, seus interesses. O que Marx revela é que os clássicos avançaram o máximo que poderiam partindo de sua consciência burguesa, os ecléticos não conseguiram avançar e os vulgares não saíram da apologia do capital. Os clássicos e ecléticos tinha interesses privados ligados à sua posição de economistas, interesses de indivíduos da esfera científica e da subesfera econômica, enquanto que os vulgares tinham interesses tão-somente financeiros, por isso totalmente no terreno da apologia ao capital.

A crítica, no caso de Marx, não é um mecanismo de competição e sim uma necessidade de superação do modo de produção capitalista e das ideologias que contribuem com sua reprodução. Ela é uma estratégia de luta, ou seja, parte da luta cultural efetivada por Marx contra as ideologias e cultura burguesa. Da mesma forma, a razão do silenciamento e da crítica, é, por um lado, um mecanismo de competição e uma luta cultural da burguesia e classes auxiliares contra uma obra de crítica ao modo de produção capitalista. Obviamente que, temos, num caso, um compromisso com a emancipação humana e luta proletária, de Marx, e noutro um compromisso com a dominação burguesa. A obra com seu caráter crítico,

o silenciamento, a crítica burguesa, a resposta à crítica, é luta cultural entre burguesia e proletariado via seus representantes intelectuais.

No caso de Marx, obviamente que há a satisfação da realização de uma obra de grande importância e qualidade, o que faz parte de sua luta cultural, e o desejo de reconhecimento disso, afinal, a práxis, como atividade teleológica consciente, que constituiu *O Capital*, significa autorrealização e autorreconhecimento na obra. Ao contrário do trabalho alienado, na qual o indivíduo não controla o seu trabalho e o resultado do seu trabalho, há o estranhamento e a insatisfação diante do objeto produzido. Nesse sentido, como Marx não participa diretamente da subesfera econômica, então seu único interesse pessoal era o reconhecimento do trabalho realizado. Do lado dos críticos burgueses, o interesse pessoal é usar o ataque contra Marx para poder ganhar mais espaço na subesfera econômica, agradar os financiadores, tranquilizar sua consciência burguesa diante do desmascaramento da ideologia realizado pelo autor da obra.

No reino da aparência, parece que a luta é a mesma e tem os mesmos objetivos, o que é apenas não conseguir ir além do aparente ou compartilhar com o que manifesta o mundo das aparências. Esse é o caso de Bourdieu (1994), para quem só vê dominantes e dominados em luta concorrencial e até compara a oposição entre Einstein e Poincaré com a de Marx e Durkheim, algo sem sentido, porquanto Einstein não era tão revolucionário no aspecto político, mas principalmente porque ele realmente era integrado na subesfera física, renomado mundialmente. A única semelhança seria no aspecto político, mas mesmo nesse havia muitas diferenças entre Marx e Einstein. O último, professor, cientista renomado na subesfera e esfera científica, Prêmio Nobel, estava muito distante da postura de Marx e por isso a comparação é destituída de sentido. Da mesma forma, Marx não realiza nenhuma competição com Durkheim, que, aliás, nem produzia quando ele era vivo. Durkheim, por sua vez, se opunha a Marx, por dois motivos: um teórico-metodológico, a influência de Marx na sociologia nascente, e outro político, a defesa do capitalismo em contraposição ao comunismo. Esse último aspecto, o político, fica ausente nas análises de Bourdieu e acaba reduzindo apenas a luta competitiva dentro da esfera científica, um empobrecimento da realidade concreta que é mais rica que o modelo dos campos do sociólogo francês.

Em síntese, Marx contribui para analisar a esfera científica principalmente com sua análise da subesfera econômica. Ao colocar os problemas dessa subesfera e apresentar sua situação marginal e mecanismos de competição abre caminho para analisar a esfera científica

não através do seu isolamento fantástico, tal como fazem alguns ideólogos e de certa forma Bourdieu, e sim relacionando-a com o desenvolvimento capitalista, as lutas de classes, os interesses (privados e/ou de classes), sua dinâmica interna, ou seja, uma percepção muito mais ampla e realizada por alguém que não tinha ela como foco analítico. E isso apenas coloca, mais uma vez, que a perspectiva de classe é fundamental para o desenvolvimento ou emperramento da consciência.

Referências bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. *O Campo Científico*. In: ORTIZ, Renato (org.). *Bourdieu*. São Paulo: Ática, 1994.

JACOBY, Russell. *Os Últimos Intelectuais: A Cultura Americana na Era da Academia*. São Paulo: Trajetória Cultural: Edusp, 1990.

KORSCH, Karl. *Karl Marx*. Barcelona, Ariel, 1983.

KORSCH, Karl. *Marxismo e Filosofia*. Porto, Afrontamento, 1977.

MARCUSE, Herbert. *Razão e Revolução*. Hegel e o Advento da Teoria Social. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã (Feuerbach)*. São Paulo, Hucitec, 1991.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. *Sobre Arte e Literatura*. São Paulo: Global, 1986.

MARX, Karl. *A Miséria da Filosofia*. 2ª Edição, São Paulo, Global, 1989.

MARX, Karl. *O Capital*. Vol. 1, 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1988.

VIANA, Nildo. *A Esfera Artística. Marx, Weber, Bourdieu e a Sociologia da Arte*. 2ª edição, Porto Alegre: Zouk, 2011.

VIANA, Nildo. *A Filosofia e sua Sombra*. Goiânia: Edições Germinal, 2000.

VIANA, Nildo. *Escritos Metodológicos de Marx*. 4ª edição, Rio de Janeiro: Zagodoni, 2014a.

VIANA, Nildo. Intelectuais Venais e Axiologia. *Revista Axionomia* (GPDS/UFG). Vol. 01, num. 01, jan./jun. de 2014b.

WEBER, Max. *Ensaio de Sociologia*. Rio de Janeiro, Zahar, 1971.

WRIGHT MILLS, C. *A Imaginação Sociológica*. 6ª edição, Rio de Janeiro: Zahar, 1982.